



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A EPÍSTOLA REVISITADA – IDENTIDADE, HIBRIDISMO E LINGUAGEM

Victor Mancera Viterbo

UNESP – Universidade Estadual Paulista

e-mail: mancera_sp@hotmail.com

1. APRESENTAÇÃO

Tendo em vista as literaturas africanas de expressão portuguesa, observamos que ocupam de modo particular o trabalho de vários historiadores, literatos e cientistas sociais na revisão das relações entre história e nação, memória e nação e, sobretudo *nação e narração*, foco de nosso trabalho. Tal análise se faz necessária uma vez que temos o pressentimento de estar vivendo tempos de mudança, onde certa *desorientação* parece sinalizar para a *ruptura de fronteiras* seja na esfera geográfica, seja na esfera do discurso.

O trabalho a ser apresentado elucida esse questionamento ao propor e averiguar o elo cultural que interliga os povos de cultura lusófona, tendo como referência o romance *Nação Crioula* (2001), do escritor angolano José Eduardo Agualusa. Na trama, o personagem Fradique Mendes, tomado à obra de Eça de Queirós, vive várias peripécias, unindo sob uma mesma perspectiva as características culturais da África, de Portugal e do Brasil.

Pretende-se mostrar como *Nação Crioula* aborda os frutos provenientes do *espalhamento* português sob a ótica singular do *hibridismo*, ou seja, por meio da *ressignificação identitária* entre colonizados e colonizadores. Observa-se, pois, no romance, além de uma inversão de papéis, isto é, da imagem do *império que contra-ataca*, a perspectiva de fronteira sendo colocada em xeque à medida que existe por parte dos personagens o reconhecimento da *mistura* como elemento eufórico na formação de uma *identidade coletiva*, algo que rompe barreiras tanto espaciais, como discursivas e ideológicas.

O título proposto nesta análise visa também endossar esse caráter subversivo. A denominação “*epístola revisitada*” busca, sobretudo, trazer uma ressignificação para o conceito narrativo de *carta*, ao mesmo tempo em que propõe um diálogo sobre



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

identidade e hibridismo cultural. Observamos nas epístolas de *Nação Crioula* que a hegemonia da voz de Fradique Mendes não determina necessariamente a visão do ‘colonizador’ ríspido, violento e autoritário, mas antes a do *sujeito desenraizado* que gradativamente descobre-se *outro* na medida em que se apaixona pela ex-escrava Ana Olímpia. Dessa maneira, amparado pela abordagem descentralizadora da “nova história”¹, o romance demonstra uma forte tendência a revisar o passado, agora encarado sob ótica extremamente crítica e desmonumentalizadora.

2. A EPÍSTOLA REVISITADA

Quando analisamos a estrutura narrativa de uma obra, certamente despertam nossa curiosidade e atenção as diversas *vozes* que permeiam o texto. O gênero epistolar apresenta, nesse sentido, muitos dos recursos utilizados pelo romance contemporâneo. Segundo Oscar Tacca (1985, p.42):

La posibilidad de una composición de libertad prácticamente ilimitada nace desde el momento mismo en que puede verse toda la materia narrativa distribuída en piezas sueltas y unitárias (las cartas). La sola supresión de alguna de ellas deja vislumbrar un juego de silencios o misterios, de ‘agujeros’ a los que há sido tan afecta la novela contemporánea.

Em *Nação Crioula* esses ‘agujeros’, ou seja, esses ‘buracos’ deixados pela omissão dos destinatários revelam um *dialogismo constitutivo*, mas não efetivamente mostrado. É por meio da voz quase exclusiva de Fradique Mendes que sabemos de todos os outros personagens, tudo vem “amalgamado” a sua escrita:

Enquanto lia a tua carta pensava que a podia ter escrito eu próprio há alguns anos atrás, quando era ainda muito jovem e acreditava conhecer tudo sobre as paixões da alma. Escreves: “O nosso amor nasceu furtivo e até onde eu alcanço teria de continuar assim, criando pouco a pouco sombras e rancor – que é o bolor dos sentimentos – até por completo apodrecer”. A tua segunda questão não tem resposta. (AGUALUSA, 2001, p.47).

¹ Movimento que propõe a compreensão da história como trama narrativa, dependente da ideologia de quem a elabora. Nas palavras de Peter Burke (2001, p.11), “A base filosófica da nova história é a idéia de que a realidade é social ou culturalmente constituída”. Aqui, os novos historiadores se abrem à multiplicidade, às vozes normalmente silenciadas e às diversas fontes de pesquisa.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A esta estrutura literária, de aparente diálogo, onde a epístola aparece revisitada e os destinatários só existem muitas vezes pelo seu silêncio, responde a estrutura política do universo colonial português, problematizada por Agualusa. Observamos em *Nação Crioula* que a hegemonia da voz de Fradique não determina necessariamente a visão do ‘colonizador’ ríspido, violento e autoritário, mas antes a do *sujeito desenraizado* que gradativamente descobre-se *outro* na medida em que se apaixona pela ex-escrava Ana Olímpia. Vemos Fradique, no decorrer do romance, entregar-se à África, e ao fazê-lo, tornar-se sujeito de um processo de mestiçagem, de que sua filha, Sophia, será o melhor fruto. Assim, transformado, mestiço, o personagem não aprende apenas a aceitar o *outro*, mas na verdade confunde-se com ele. O foco de Agualusa é justamente vislumbrar como Portugal “canibaliza-se” por meio da figura de Fradique, daí a forte presença de sua voz, rompendo com fronteiras raciais, ideológicas e geográficas que até então separavam povos de culturas diferentes e dispersas da África, da América e da Europa.

Longe de constituir uma postura idealizada, ou um “irmanamento” desejável dos povos de língua portuguesa, verificamos nas entrelinhas de *Nação Crioula* o *contato*, o *conflito* entre diferentes constituintes fomentando algo singular entre os personagens: a percepção da essência *híbrida*. De acordo com Benjamin Abdala Júnior (2004, p.19):

Hibridismo, ao contrário do que pensaria um liberal, não significa ausência de tensões entre constituintes heterogêneos – um campo conveniente para a imposição da lei do mais forte, mascarado de competência tecnológica. Pressupõe, ao contrário, a possibilidade de se desenvolver práxis mais ativas, criativas e livres, sem preconceitos, já que todos não deixamos de ser híbridos ou mestiços (...) É das formas misturadas, crioulas, que é possível se promover uma coexistência contraditória, onde cada unidade considerada não se anule na outra.

Em *Nação Crioula* essa evidência se torna explícita ao analisarmos a única carta escrita por Ana Olímpia, já após a morte do fidalgo português. A ex-escrava relata a Eça de Queirós (o personagem) todos os grandes marcos do livro, delineando um perfil da coexistência entre diferentes sujeitos e espaços, além da incessante busca por sua própria identidade:

Muita gente não compreende porque é que os escravos, na sua maioria, se conformam com a sua condição uma vez chegados à América ou ao Brasil. Eu também não compreendia. Hoje compreendo. No navio em que fugimos



de Angola, o *Nação Crioula*, conheci um velho que afirmava ter sido amigo de meu pai. Ele recordou-me que na nossa língua o mar tem o mesmo nome que a morte: Calunga. Para a maior parte dos escravos, portanto, aquela jornada era uma passagem através da morte. A vida que deixavam em África, era a Vida; a que encontravam na América ou no Brasil, um renascimento.

Para mim também foi assim. Em Pernambuco, e depois na Bahia, reencarnei pouco a pouco numa outra mulher (...). Quando nasceu Sophia eu já me sentia brasileira; porém sempre que ouvia versos do mulato Gonçalves Dias era em Angola que eu pensava (...) Estou na vida como numa varanda. (AGUALUSA, 2001, p.157).

O aparecimento da voz de Ana Olímpia no texto é imprescindível na medida em que rompe com a tradicional estrutura do romance epistolar, onde: “o narrador-eu fala sobre terceiros apenas como *objetos*²”. (HAMBURGUER, 1975, p.226). Nesse caso o “objeto”, o “outro”, apresenta vida e torna-se *sujeito* da linguagem. É esse “outro” que vai elucidar, portanto, a idéia de *exotopia* em *Nação Crioula*, base do dialogismo bakhtiniano:

Pelo princípio da exotopia, eu só posso me imaginar, por inteiro, sob o olhar do outro; pelo princípio dialógico, que, em certo sentido, decorre da exotopia, a minha palavra está inexoravelmente contaminada do olhar de fora, do outro que lhe dá sentido e acabamento. (...) Cada um de nós, daqui onde estamos, temos sempre apenas um horizonte; estamos na fronteira do mundo em que vivemos – e só o outro pode nos dar um ambiente, completar o que desgraçadamente falta ao nosso próprio olhar. (TEZZA, 2001, p.221).

No que toca à presença dos *arquétipos*, observamos que a obra de Agualusa também questiona, por meio da figura de Fradique Mendes, o tradicional “lamento português”. De acordo com o crítico Eduardo Lourenço (1991) essa frustração pela grandeza perdida ocorre no caso lusitano como um *eterno monólogo* que, isolado, não apresenta interlocutores. Fradique, por sua vez, ilustra a relevância portuguesa não pela apologia e saudosismo das terras conquistadas, mas pela descoberta de algo que vai além do espaço físico: a percepção da *mistura* como elemento eufórico na construção de uma identidade híbrida:

(...) Há uma semana atrás fui com o Eça de Queiroz comer um bacalhau à Mouraria, numa taverna que ele cultua com justo (justíssimo!) fervor. Exilado vai fazer quatro anos em Newcastle, onde, a bem da nação, definha e escreve, o meu amigo veio a Lisboa à procura de Portugal. Não encontrou sinais da heróica pátria de Camões nem no Rossio nem no Chiado, e então,

² Grifo nosso.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

quase descrente, lembrou-se da Mouraria e da taverna. Fomos os dois, e ali encontramos realmente Portugal, sentado entre vadios e varinas, cantando o fado, cheirando brutalmente a alho e suor. (AGUALUSA, 2001, p.111).

A escolha do bairro da Mouraria, o *lugar da mistura* em Lisboa, ainda que nos remeta a uma certa idéia de *caos* e *troça*, sintetiza o deslocamento lusitano da tradicional posição de grande Império. Assim, Portugal assume, na obra do escritor angolano, sua pobreza terceiro-mundista ao mesmo tempo em que rompe fronteiras e tabus na assimilação da imagem do *outro*.

Tendo em vista o *tempo* da narrativa, notamos que *Nação Crioula* obedece ao princípio básico do romance epistolar, o qual, segundo Oscar Tacca (1985, p.42): “hace patente la existencia de diversos tiempos que se responden y entrecruzan”. A intertextualidade com a obra de Eça ocasiona, pois, no texto de Agualusa, o reposicionamento do mundo imperial e europeu do século XIX para o mundo pós-colonial e extra-europeu do século XXI. Além disso, a ausência de prólogo e da voz do autor no texto faz aumentar o jogo semântico e o diálogo entre diferentes períodos da história.

Outro ponto importante a ser discutido é a adoção da *leitura intrusa* no romance:

La novela de transcripción pasa, curiosamente, del rechazo de una *autoria intrusa* (el autor queda expulsado del texto) a la adopción de una *lectura intrusa*. En efecto, hay una esencial diferencia entre el relato abiertamente destinado a los lectores (forma corriente y habitual de la novela) y aquellos otros que tienen su próprio destinatária (interno), a los cuales el lector se asoma entonces ‘indiscretamente’. (*Idem*, p.55).

Em *Nação Crioula*: a correspondência *secreta* de Fradique Mendes, o próprio adjetivo em destaque já fornece indícios para a invasão de privacidade a ser praticada pelos leitores, tão afeitos hoje a biografias não-autorizadas e *reality shows*. Tal conceito valoriza a exposição da vida íntima por meio da divulgação de “cartas secretas” que acabam por exhibir um outro lado do personagem português não mostrado por Eça de Queirós.

Verifica-se, portanto, que os elementos formais utilizados no texto incidem na revisão do gênero epistolar, uma vez que as vozes do romance nos permitem refletir intensamente sobre as relações entre identidade, literatura e história. O caráter dialógico da linguagem, a exotopia, a presença de arquétipos, tempo e espaço entrecruzados, o



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

leitor como destinatário intruso, tudo vem a reforçar a “moldura inovadora” da obra de Agualusa.

3. *ESPALHAMENTO* – RELAÇÕES LUSO-AFRO-BRASILEIRAS*

Foi o impulso biológico da propagação da raça que empurrou as caravelas portuguesas. Estamos em África, na América e no Oriente pelo mesmo motivo que os fungos se alastram ou os coelhos copulam – porque no íntimo sabemos que colonizar é sobreviver! (...) Desgraçadamente Portugal espalha-se³, não coloniza (...). Pior: uma estranha perversão faz com que esqueçam sua missão civilizadora, isto é, colonizadora, mas depressa se deixem eles próprios colonizar, isto é, descivilizar, pelos povos locais. (AGUALUSA, 2001, p.133).

Por meio das palavras irônicas do narrador já conseguimos perceber a proposta de ressignificação identitária presente em *Nação Crioula*. Observamos, pois, no romance, a tendência renovadora de analisar os frutos provenientes do *espalhamento* português sob a ótica singular do *hibridismo*.

Nas palavras de Erick Hobsbawn (2008, p.46), “algumas pequenas nacionalidades e línguas não apresentam futuro independente”. De acordo com o historiador inglês, um dos três critérios adotados para um povo ser considerado como nação é a prova da *capacidade para a conquista*, algo que ocorre de forma curiosa com Portugal e problematiza seu papel de “metrópole”. Constatamos, de fato, em *Nação Crioula*, como a falta de organização administrativa lusitana acaba por gerar o fenômeno do *espalhamento*:

(...) A nossa presença em África não obedece a um princípio, a uma ideia, e nem parece ter outro fim que não seja o saque dos africanos. Depositados em África os infelizes colonos portugueses tentam em primeiro lugar manter-se na sela, isto é, vivos e roubando, pouco lhes importando o destino que o continente leva. E Portugal, tendo-os depositado, nunca mais se lembra deles. Uns tantos, assim esquecidos, depressa perdem a memória da

* Utilizamos aqui o termo mais conhecido, embora as relações discutidas não se refiram a toda a África, mas apenas a Angola.

³ Grifo nosso.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

pátria e em pouco tempo se cafrealizam. Esses são os mais felizes. (...) Para construir uma África portuguesa seria necessário que Portugal se fizesse africano. (AGUALUSA, 2001, p.132).

Esse colonialismo *às avessas* deixa explícita a fragilidade portuguesa e sua incapacidade para o domínio. A África torna-se, assim, imprescindível ao imaginário luso, na medida em que Portugal, não detendo a estrutura e o poderio bélico necessários, passa a depender da *imagem do outro* para sua auto-afirmação como “potência”. Diferente do que ocorreu com França e Inglaterra, o espalhamento português viabilizou a formação de um entrelaçamento cultural singular, pois sem a força e a referência da metrópole, as fronteiras se tornaram frágeis e a ideia de um grande espaço que unisse África, Europa e América, algo legítimo. Essa *transnação crioula* é a obra de Agualusa, onde além da língua, experiências e afetos funcionam como um fio condutor para a expressão de vozes antes anônimas e silenciadas. Segundo o crítico uruguaio Hugo Achugar (2006, p.209), “o resultado é uma memória coletiva sempre em movimento: não se trata de *uma* memória, mas de *múltiplas* memórias”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizado este pequeno ensaio reflexivo, entendemos que embora a visão eurocêntrica consiga se impor muitas vezes por meio da violência, no processo de colonização as referências culturais se entrecruzam continuamente, produzindo novas configurações identitárias. Em *Nação Crioula*, a ressignificação da imagem do *outro* e a teoria da *identidade coletiva* aparecem como proposta para o restabelecimento dos laços entre as nações do mundo luso-afro-brasileiro.

Também notamos com a *epístola revisitada* de Agualusa, que a grande contribuição de Portugal para o mundo não está na quantidade de colônias fundadas, ou no lucro extraído de suas conquistas, mas no fenômeno do *espalhamento* de seus habitantes, o que proporcionou a formação de uma *cultura híbrida* singular, marcada pela *coexistência contraditória*⁴.

Em suma, a narrativa do escritor angolano nos faz revisar as relações entre colonizados e colonizadores, transpondo para o espaço ficcional questões pertinentes ao

⁴ A idéia de *mescla* em que cada unidade considerada não se anula na outra, mas antes fomenta a produção de um rico e amplo diálogo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

desaparecimento das fronteiras étnicas, geográficas e ideológicas; algo de fundamental importância quando se espera refletir e debater a criação de uma comunidade de países de língua portuguesa.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JÚNIOR, B. (Org.) *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004.

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

AGUALUSA, José Eduardo. *Nação Crioula*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. *A escrita da história*. 3ª ed. São Paulo: UNESP, 2001.

FRYE, N. *Anatomia da crítica*. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1986.

HAMBURGER, Kate. *A lógica da criação literária*. Tradução de Margot P. Malnic. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HOBBSAWN, Eric. J. *Nações e nacionalismo desde 1780*. 5ª ed. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. São Paulo: Paz e Terra, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

LOURENÇO, E. *O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português*.

Lisboa: Dom Quixote, 1991.

QUEIRÓS, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. Lisboa: Europa-América, 1980.

TACCA, Oscar. *Las voces de la novela*. Madrid: Gredos, 1985.

TEZZA, Cristovão. A construção das vozes no romance. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.